

Gilson Luiz Maia

O PAI-NOSSO
palavra por palavra



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maia, Gilson Luiz
O Pai-Nosso : palavra por palavra / Gilson Luiz Maia. – 1. ed. –
São Paulo : Paulinas, 2020.
120 p. (Ensina-nos a rezar)
ISBN 978-85-356-4627-6
1. Oração 2. Pai-nosso 3. Jesus Cristo - Oração 4. Bíblia -
Estudo e ensino I. Título
20-1483 CDD-242.722

Índice para catálogo sistemático:

1. Oração Pai-nosso 242.722

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

1ª edição – 2020

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
Antonio Francisco Lelo

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Equipe Paulinas*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*

Imagem de capa: *Sermon on the Mount – Carl Bloch (1877)*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2020

A meus pais que me ensinaram a Oração do Senhor.

Pai nosso que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso Reino;
seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no céu;
o pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	13

I

A ORAÇÃO DE JESUS.....	19
Pai-Nosso: uma oração em duas versões	21
A oração do Pai-Nosso nos Evangelhos de Mateus e Lucas.....	27
A estrutura da Oração do Senhor	31

II

UM NOVO JEITO DE REZAR.....	35
O Pai de Jesus e de cada um de nós.....	37
A proximidade do Pai	40
Olhar para os céus e enxergar a terra	42

III

O NOME DE DEUS.....	45
Deus não cabe nas palavras	47
O Santo por excelência	49

IV

O REINO DO PAI.....	53
O Messias, esperança do povo de Israel	55
Acolher, semear e esperar o Reino	58

V

A VONTADE DO PAI	63
Até as últimas consequências.....	65
Chamados a realizar a vontade de Deus	68

VI

O PÃO DO REINO	73
O dom de cada dia.....	76
O pão da vida	79

VII

PERDÃO E GRATIDÃO.....	83
Dívidas e pecados.....	85
O Pai perdoa sempre.....	87
Começar com o perdão.....	89

VIII

PROVAS E TENTAÇÕES	93
Nas tentações de Jesus, as nossas tentações	95
Vigiai e orai	97

IX

LIVRA-NOS DO MAL, Ó PAI	101
A vitória contra o maligno	103
O mistério do mal.....	106
CONCLUSÃO	111
BIBLIOGRAFIA	115

PREFÁCIO

Com alegria, acolhi o convite para redigir o prefácio do livro sobre a Oração do Senhor. Mais uma reflexão do Padre Gilson Luiz Maia, rogacionista. Na oração do Pai-Nosso, a única ensinada pelo Mestre de Nazaré, conforme os Evangelhos de Mateus e Lucas, temos uma excelente síntese do todo da obra redentora. Ali, a Igreja mãe encontrou historicamente o sólido fundamento de sua doutrina e missão com acentuado desdobramento social.

Jesus apresenta muito mais do que uma excelente forma de rezar. Revela, como Senhor, as verdades vitais da fé cristã. Deus é Pai e nos introduz na intimidade do mistério trinitário. Para que aconteça a paternidade, é indispensável a realidade existencial do Filho. Esse Pai é nosso, portanto, somos verdadeiramente irmãos. Presença amorosa que forma e educa. Aqui, aparece uma profunda configuração entre o ser pai e o ter filhos. Um existe em relação ao outro. Ao se apresentar como Pai, estabelece-se um relacionamento absolutamente novo. O termo “nosso” é plural, então ninguém ficou excluído.

Ao começar a segunda parte da oração, o pão nosso, ele revela a regra central do serviço cristão. Se o Pai é nosso, consequentemente, o pão é nosso. Apresenta uma vigorosa relação entre o ser Pai e o ter pão. Ensina que rezar é comprometer-se com a dignidade da vida ao longo da história. Somos chamados a partilhar o pão. A realidade viva e dinâmica requer a coragem de nos comprometermos com a justiça social como expressão coerente entre o rezar e

o viver. O Pai só é nosso na exata proporção da partilha real. O Pai nosso se concretiza no pão nosso.

No tocante ao serviço, este aparece no conteúdo da Oração do Senhor. Jesus é o primeiro servidor. Sua ação redentora é a liturgia trinitária. Seu serviço é uma excelente oferenda. Ele se entrega de modo pleno e definitivo. Assim, ensina-nos a fazer o mesmo.

Outro ponto revelado é justamente a capacidade humana em realizar, pela força do exemplo dado por ele, uma obra semelhante. A esperança adquire a fisionomia da realidade histórica. Podemos concluir que as pessoas são chamadas a transformar a oração vocal em vida, no chão da história. Assim sendo, participamos da obra divina.

O caráter de um mero assistencialismo cede lugar a uma consciência de responsabilidade coletiva. Não pode faltar o pão, pois o Pai está dedicado a todos. E Jesus é o modelo do serviço fraterno, o pão passa a ser de direito divino. Portanto, se o pão não é de todos, surge o pecado social. Enquanto faltar pão, a comunidade humana estará distante do desejado pelo Mestre ao rezar o Pai-Nosso.

A oração do Pai-Nosso é o manual necessário para a serena e saudável convivência social. Da mesa fraterna ninguém pode ser excluído. A reflexão da oração nos educa para a vida solidária. Somando a oração do Pai-Nosso com o pão nosso, temos a justiça e a paz como resultados.

A reflexão do Padre Gilson, intitulada *O Pai-Nosso: palavra por palavra*, chega em boa hora e contribui para nos embrenharmos na importância dessa oração e na sua consequência para a espiritualidade e missão dos seguidores de Jesus, que nos ensinou a chamar Deus de Pai: Pai nosso.

Pe. Antônio Carlos Maia
Diocese de Guaxupé (MG)

INTRODUÇÃO

“Senhor, ensina-nos a orar...” (Lc 11,1).

Dentre as coisas que recordo da infância, cada vez mais distante, está a figura de meus pais ensinando as orações: o Pai-Nosso, a Ave-Maria, a Salve-Rainha e o Glória. Havia também uma jaculatória que rezávamos todas as noites, quando minha mãe já estava à beira da cama nos cobrindo. Aliás, nunca deixei de rezá-la. É assim: “Menino Jesus, meu irmãozinho, eu te dou meu coraçãozinho”.

Foi no aconchego da casa de uma família do interior de Minas Gerais que aprendi as orações mais populares recitadas pelo povo de Deus. Lembro-me bem da dedicação e insistência de minha mãe para que memorizássemos a única oração ensinada por Jesus aos seus discípulos e à Igreja: o Pai-Nosso. Recordo também minha aflição quando, pela primeira vez, me pediram para rezá-la em voz alta, diante de um pequeno grupo da comunidade. Outras pessoas também já gaguejaram ao recitá-la em público. Muitos rezam o Pai-Nosso com a segurança comum dos corações fervorosos acostumados aos encontros de oração, à reza comunitária do terço ou em tantas outras ocasiões. Algumas vezes recitamos as orações quase mecanicamente, apenas pelo hábito ou imposição das circunstâncias, sem nos aprofundarmos no significado e no alcance de cada palavra pronunciada com fé.

Nestas páginas – escritas a partir de nossa experiência junto ao povo reunido nas comunidades, mas pensando também naquelas pessoas mais afastadas ou arredias das celebrações –, queremos meditar sobre cada expressão dessa oração que aprendemos com Jesus. Nosso objetivo é ajudar as pessoas a rezarem o Pai-Nosso com o coração e a mente. Precisamos superar a tentação de rezar de modo mecânico, frio e sem considerar as consequências na vida. Mais que uma oração tradicional, que se adapta a qualquer ocasião, principalmente quando queremos instaurar um ar de espiritualidade e fé, o Pai-Nosso é uma síntese da mensagem de Jesus que entrega a sua vida à causa do Pai.

Segundo Tertuliano, antigo escritor cristão, o Pai-Nosso resume todo o Evangelho.¹ Nessa oração encontramos a totalidade do Evangelho de Jesus, embora “o Evangelho permanece inteiro mesmo sem esta oração”.² Ao meditar no Pai-Nosso, refletimos sobre a pessoa, a vida, a vocação e a missão de Jesus. Ele é o autor dessa oração que revela, de forma breve e profunda, a sua identidade de Filho. Nela vemos uma fotografia da vida de Jesus, o modelo e o Mestre que nos dá essa oração e reconhece as necessidades de seus irmãos e irmãs. Eis a razão pela qual o Pai-Nosso é considerado a “Oração do Senhor” ou, conforme a expressão tradicional, “oração dominical”.³ Mais que uma fórmula cansativa e mecânica, “repetida maquinalmente”, Jesus nos ensina que a oração é antes de tudo um diálogo filial onde os filhos são acolhidos e experimentam o grande amor de Deus, o Pai nosso.

¹ As citações dos Padres da Igreja são colhidas da obra de: HAMMAN, A. *Il Padre nostro letto dai Padri della Chiesa*. Roma: Castelveccchi, 2017, p. 8. As traduções de trechos de obras estrangeiras citadas ao longo deste trabalho são livres.

² Cf. MAGGIONI, B. *Padre nostro*. Milano: Vita e Pensiero, 2019, p. 26 (nota 21).

³ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 2765-2766.

Com Jesus – e nele – rezamos o Pai-Nosso para crescer na fé e na confiança em Deus.⁴ Com palavras simples, sóbrias e densas de significado, repetimos a Oração do Senhor, mas quase nunca paramos para pensar no sentido de cada uma das expressões desse Salmo que nos coloca diante do Pai. Raramente indagamos em que consiste rezar o Pai-Nosso e se realmente consideramos o próximo como nosso irmão, se queremos que venha logo o Reino de Deus, se desejamos cumprir a vontade do Senhor, se é mesmo verdade que nos contentamos apenas com o pão de cada dia, se estamos dispostos a perdoar os nossos devedores e se lutamos com todas as forças contra as tentações e o mal. Com o coração inquieto, indaguemos: Qual é o significado, o alcance e as conseqüências desses pedidos do Pai-Nosso na espiritualidade que cultivamos ao longo do caminho?

Sabemos que há pessoas que não rezam e que sequer estão vinculadas a uma determinada religião ou credo. Mas é grande o número de orantes, pessoas que rezam diariamente e pedem pela saúde, pelo êxito de algum negócio ou pela paz na família e no mundo etc. Algumas destas orações podem ser questionadas por pretenderem contar e explicar a Deus as necessidades, quando na realidade o Pai já sabe de tudo e conhece profundamente cada um de nós. O profeta Isaías, que viveu por volta do ano 700 a.C., já recordava ao povo de Israel: “Antes de clamarem a mim, já estarei respondendo; estarão ainda falando, e já os atenderei”.⁵ Não é necessário informar a Deus sobre nossa realidade, quando o próprio Jesus disse: “Vosso Pai sabe do que precisais, antes de lhe pedirdes”.⁶

⁴ Santo Aníbal Maria Di Francia, apóstolo das vocações, dizia que precisamos recitar o Pai-Nosso com íntima atenção às divinas palavras e pedidos, pois esta é a principal oração ensinada por Jesus. Cf. DI FRANCIA, A. M. *Scritti*. Roma: Rogate, v. VI, 2010, p. 356.

⁵ Cf. Is 65,24.

⁶ Mt 6,8.

Muitas vezes, notamos que a pessoa orante quer convencer Deus daquilo que é o mais importante e melhor para ela, como se o Pai desconhecesse a situação e as reais necessidades dos filhos. Há orações que parecem ser uma tentativa de fazer Deus mudar de ideia, reconsiderar sua posição e acolher a vontade da pessoa que está rezando. Também criticamos a oração que busca transferir a Deus aquilo que é de nossa responsabilidade, como, por exemplo, pedir pela paz no mundo, esquecendo que o problema da violência e das guerras deve ser resolvido por nós mesmos, mediante nossas ações pacificadoras e solidárias. Há ainda o uso de certas “fórmulas mágicas”, além das orações feitas por obrigação ou simples costume e tradição. Então, podemos perguntar: Qual é o verdadeiro sentido da oração cristã? Para que servem as fórmulas elaboradas nas comunidades e oficializadas pela Igreja? Por que devemos rezar com insistência, se Deus é pura bondade, tudo sabe e conhece? A nossa insistência na oração não seria uma tentativa de mudar a vontade do coração de Deus, que é amor e misericórdia?

A oração nos ajuda a entrar em sintonia com o Pai, a compreender melhor como ele vê a nossa realidade. Perseveramos na oração para sintonizar o nosso coração com o coração de Deus, e isso normalmente exige muito tempo. Jesus nos orienta a insistir na oração e não a multiplicar palavras, numa espécie de “verborreia” ou blá-blá-blá diante do Pai que conhece e escuta o nosso coração. O Mestre nos ensina: “Portanto, eu vos digo: pedi, e vos será dado; procurai, e encontrareis; batei, e a porta vos será aberta. De fato, todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra; e para quem bate, a porta será aberta”.⁷

Após essas considerações e observando a ausência de alguns elementos típicos de nossas orações no Pai-Nosso, como as

⁷ Cf. Lc 11,9-10.

expressões de súplicas, as frases de louvores e até mesmo aquelas de agradecimento, nos perguntamos: Afinal, como devemos rezar? O que devemos pedir na oração e como?

Diante desses questionamentos, situamos, acolhemos e tomamos para nós o pedido dos discípulos a Jesus, depois que viram ele rezar: “Senhor, ensina-nos a orar, como também João Batista ensinou a seus discípulos”.⁸ O pedido dos discípulos – “ensina-nos a rezar” – equivale a solicitar que Jesus mostre o rosto de seu Deus, tão diferente dos deuses pagãos. Os discípulos querem conhecer o Deus de Jesus. É como se dissessem a ele: “Mestre, diga-nos quem é o seu Deus?”. Desde cedo, os discípulos perceberam que a oração de Jesus era diferente e que levava a uma relação com Deus distinta daquela que eles conheciam. Recordemos que alguns dos discípulos pertenciam ao grupo do precursor João Batista, que apontou para eles “o Cordeiro de Deus” e disse: “É preciso que ele cresça, e eu diminua”.⁹ Os discípulos começaram a perceber que Jesus mantinha um diálogo constante com Deus. Então, desejavam aprender como era o jeito de Jesus, como ele rezava, bem como a mergulhar na mesma experiência que tinha com o Pai.

Foi nesse ambiente orante que Jesus ensinou o Pai-Nosso. Uma oração aberta e ecumênica que pode ser rezada sem reservas pelos judeus, pelos muçulmanos, budistas e por muitos outros segmentos religiosos.¹⁰ Uma oração que nos permite dialogar e rezar com todas as religiões e até mesmo com os não crentes e ateus. Uma oração em que Deus nos concede a identidade de filhos e membros de sua grande família. Ao recitar o Pai-Nosso, unimo-nos ao Pai e

⁸ Lc 11,1.

⁹ Cf. Jo 1,29.36; 3,30.

¹⁰ Cf. MARTINI, C. M. *Il Padre nostro, non sprecate parole*. Milano: San Paolo, 2016, pp. 53-54.

entramos em comunhão com todos os irmãos e irmãs. Na oração, tornamo-nos membros da família de Deus, superando toda e qualquer fronteira, seja de classe social, cultura ou raça.

O Pai-Nosso não é uma nova fórmula ensinada por Jesus que colocamos ao lado da Ave-Maria ou de alguma outra oração. Podemos situá-lo junto à oração do Creio, onde professamos a nossa fé. O Credo começa assim: Creio em Deus Pai... Desse modo, a oração do Pai-Nosso nos chama a professar a fé e a voltarmos para o Deus de Jesus, que não é um rei poderoso, um legislador hábil, mas, antes de tudo, Pai. Não se trata de um Deus que nos prova para avaliar a grandeza de nossa fé, capaz de causar sofrimentos ou até mesmo de se vingar das fraquezas humanas. Deus é o Pai que conhece profundamente cada um de seus filhos. Ele é o Pai nosso. Vemos, então, uma clara relação entre a fé – Creio – e a oração do Pai-Nosso que rezamos no cotidiano da vida. Aliás, esta é a conexão que almejamos: fé – oração – vida.

No primeiro capítulo do livro, apresentaremos as duas versões do Pai-Nosso, segundo os Evangelhos de Mateus e Lucas, com seus respectivos contextos e estruturas. Também assinalaremos os ecos da Oração do Senhor nos demais escritos do Novo Testamento. Nos capítulos seguintes, vamos refletir sobre cada passo dessa oração, considerando suas raízes bíblicas e colhendo elementos para a nossa espiritualidade e ação pastoral.

I

A ORAÇÃO DE JESUS

“Vós, portanto, orai assim: Pai nosso...”
(Mt 6,9a).

O primeiro movimento no coração orante é impulsionado pelo dom da fé. A fé nos conduz à oração e vice-versa. Rezar é dialogar com Deus, ouvi-lo e entrar em sintonia com o Pai. Essa comunicação dialogante dá lugar à esperança que nos aproxima ainda mais de Deus. Nele descobrimos o amor: tão próximo, tão profundo, tão Pai: Pai nosso.¹ A missão de Jesus é revelar o Pai, mostrar o rosto do seu Pai e Pai nosso – “Quem me viu, viu o Pai”.² Ao apresentar Deus como Pai, Jesus está nos dizendo que Deus é o amor e nós somos os filhos, a razão desse amor. Jesus era um homem muito orante. Ele gostava de rezar nos mais diferentes lugares e, às vezes, se afastava para dialogar com o Pai. “Jesus é o profeta que conhece as pedras do deserto e sobe aos cumos dos montes. /.../ E assim torna-se mestre de oração dos seus discípulos, como certamente quer sê-lo para todos nós.”³

¹ São Tomás de Aquino afirma que o Pai-Nosso, entre todas, é a oração por excelência. Ela possui as cinco qualidades requeridas para qualquer oração: confiante, reta, ordenada, devota e humilde. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2763.

² Jo 14,9.

³ Cf. FRANCISCO, *Catequese sobre o Pai nosso – I*. Audiência Geral, Vaticano, 5 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://w2.vatican.va>>.

O Pai-Nosso é a oração que o Senhor apresentou diante da solicitação de um de seus discípulos – não sabemos precisar qual – que, vendo o comportamento e a vida de Jesus, sentiu sede de rezar.⁴ Então ele pediu ao Mestre que lhe ensinasse as palavras certas e o jeito correto de experimentar e falar com Deus. O pedido foi feito depois de um período de convivência com o Mestre, quando eles observavam a maneira de Jesus rezar, quando viam o seu modo particular e intenso de voltar-se frequentemente para Deus em momentos e lugares diferentes dos convencionais. É interessante notar que o pedido “ensina-nos a rezar...” tenha vindo de um discípulo anônimo e não do líder Pedro, de Tiago ou João. Esse discípulo manifestou um anseio que era compartilhado por todos os seguidores que estavam fascinados com o jeito de Jesus rezar e que sentiam a mesma sede.⁵

Considera-se que, naquele tempo, cada rabino cultivava a sua espiritualidade condensada e sintetizada em uma oração particular. Essa oração indicava o modo de ser do rabino e o distinguia dos demais mestres. Cada uma das escolas de espiritualidade, com os seus respectivos rabinos, se diferenciava das outras por uma determinada oração que manifestava os seus valores e a sua específica sensibilidade espiritual. Os discípulos pediram que Jesus lhes ensinasse uma oração e um modo de rezar que os distinguisse dos outros grupos e movimentos e que, ao mesmo tempo, fosse um modelo e manifestasse o seu estilo, sua originalidade e a comunhão do grupo dos seus seguidores. Eles, que acolheram Jesus como Filho de Deus e Messias, querem firmar a própria identidade diante do judaísmo.

⁴ Orígenes observa que a oração deve ser dirigida ao Pai, e não a algum mortal ou ao Cristo. “O próprio Jesus nos ensinou a nos dirigirmos ao Pai e não a ele mesmo.” Cf. JUST, A. A. *La Bibbia Commentata dai Padri, Nuovo Testamento 3. Luca*. Roma: Città Nuova, 2006, p. 270.

⁵ Cf. MARTINI, C. M. *Il Padre nostro, non sprecate parole*. Milano: San Paolo, 2016, p. 31.

PAI-NOSSO: UMA ORAÇÃO EM DUAS VERSÕES

Dos quatro Evangelhos, dois trazem a oração do Pai-Nosso que Jesus ensinou aos discípulos na sua língua materna, a língua do seu povo: o aramaico.⁶ Os evangelistas Mateus e Lucas apresentam suas respectivas versões. Segundo Mateus, o Pai-Nosso foi transmitido por Jesus no Monte das Bem-Aventuranças na Galileia. De acordo com Lucas, a Oração do Senhor foi ensinada no Monte das Oliveiras, próximo a Jerusalém, já bem perto da paixão e morte de Jesus.⁷ Apesar de não encontrarmos o Pai-Nosso nos Evangelhos de Marcos e de João, é evidente que os principais temas dessa oração permeiam a obra de todos os evangelistas. Aliás, podemos afirmar que o Evangelho de Marcos, o primeiro a ser escrito, por volta dos anos 70 d.C., de certa forma prepara as comunidades para receber a Oração do Senhor e ajuda a compreender o significado profundo do Pai-Nosso, que, aproximadamente 10 anos mais tarde, aparecerá nos Evangelhos de Mateus e Lucas.⁸

⁶ No local aproximado onde Jesus ensinou os seus discípulos a rezarem, encontramos a igreja do Pai-Nosso. A primeira igreja, construída a pedido de Santa Helena, mãe de Constantino, foi destruída pelos persas em 614. Mais tarde, os cruzados construíram uma nova igreja, e a basílica atual é do século XIX. Nas paredes encontramos a oração do Pai-Nosso numa grande quantidade de idiomas.

⁷ A Oração do Senhor, em Lucas, aparece no contexto de uma catequese apresentada em três partes: a Oração do Senhor (Lc 11,1-4), a parábola do amigo insistente (Lc 11,5-8) e o filho faminto (Lc 11,9-13). Cf. SPINETOLI, O. *Luca, il vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella, 1999, p. 389.

⁸ No Evangelho de Marcos, encontramos os principais elementos retratados no Pai-Nosso. Os discípulos são chamados a dirigir-se ao Pai com confiança (cf. Mc 2,22-24), a aprofundarem o sentido da multiplicação dos pães (cf. Mc 6,30-8,29), a pedirem perdão na oração (cf. Mc 11,25), e a enfrentarem o mal (cf. Mc 1,23-26.34.39 etc.). Veja o excelente artigo de Ugo Vanni sobre a Oração do Senhor nos quatro Evangelhos e também nos escritos de Paulo. Cf. VANNI, U. *Il Padre Nostro I. Civiltà Cattolica*, III, Roma, pp. 345-358, 1993; IV, pp. 447-490.

Se, em Marcos, ainda não temos a fórmula explícita da oração do Pai-Nosso, no Evangelho de João, escrito por volta do ano 95 d.C., vemos o desenvolvimento e amadurecimento dos grandes temas dessa oração centrada na pessoa de Jesus, o Verbo de Deus feito carne.⁹ “A ausência da oração do Pai-Nosso no Evangelho de João é só aparente. Pois, na oração sacerdotal de Jesus, na hora de sua glória, temos por assim dizer ‘o Pai-Nosso de Jesus’.”¹⁰ Se, no Evangelho de João, temos a “Oração sacerdotal”, em Marcos podemos destacar especialmente a oração de Jesus no Getsêmani.¹¹ Nos escritos de Paulo também não encontramos uma fórmula correspondente àquela de Mateus e Lucas, mas temos elementos que apontam claramente para a oração do Pai-Nosso.¹² Sabemos que, nas comunidades paulinas, já se rezava ao Pai com a mesma familiaridade de Jesus. Os cristãos, guiados pelo Espírito Santo e reunidos na assembleia litúrgica, referiam-se a Deus clamando: “Abbá, Pai!”¹³

Propomo-nos a ler atentamente tanto a versão mais explícita de Mateus – o Evangelho do operário do Reino – como aquela mais breve de Lucas, onde Jesus é apresentado como um orante e os discípulos são chamados a imitá-lo, buscando a mesma intimidade com o Pai.¹⁴ Queremos rezar cada uma dessas versões, observar, meditar e comentar as semelhanças e diferenças entre ambas. Vamos colocar a de Mateus ao lado da versão de Lucas e refletir sobre as palavras que compõem essa oração rezada por Jesus e por todos

⁹ Cf. Jo 1,14.

¹⁰ Cf. VANNI, U., op. cit., p. 483.

¹¹ Cf. Mc 14,32-42; Jo 17.

¹² Cf. Sobre os “ecos” da Oração do Senhor nos Evangelhos de Marcos e João, na Carta aos Hebreus e nos escritos paulinos, confira: OLIVER, Clément; BENOIT, Standaert. *Pregare il Padre nostro*. Magnano: Qiqajon, 1989, pp. 21-42.

¹³ Cf. Rm 8,15; Gl 4,5-6.

¹⁴ Cf. Lc 5,16.

os seus seguidores desde os tempos apostólicos.¹⁵ Com fé, vamos ler, ou melhor, rezar a oração segundo o Evangelho de Mateus, confrontando-a com a versão de Lucas, e colher elementos para enriquecer a espiritualidade e iluminar a nossa caminhada.¹⁶

Mateus	Lucas
<p>“Vós, portanto, orai assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; Seja feita a tua vontade, como no céu, assim também na terra. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal” (Mt 6,9-13).</p>	<p>“Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; dá-nos, a cada dia, o pão cotidiano, e perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos a todo aquele que nos deve; e não nos deixes cair em tentação” (Lc 11,2-4).</p>

De imediato percebemos que o Pai-Nosso segundo Lucas é mais breve.¹⁷ Ele cita o substantivo “Pai” e omite a expressão “nosso que estás nos céus”. Já Mateus usa a expressão “Pai nosso”, que manifesta seu interesse comunitário e eclesial. Também notamos que ele apresenta sete pedidos, enquanto, em Lucas, eles são sintetizados em

¹⁵ Confira o trabalho de Lorenzi confrontando a versão do Pai-Nosso em Mateus com aquela de Lucas. Cf. LORENZI, Lorenzo. *La preghiera del discepolo (Mt 6,9-13). Parola, spirito e vita, quaderni di lettura biblica, Insegnaci a pregare* 3. Bologna: Dehoniano, 1981, pp. 106-121.

¹⁶ Nesta reflexão, seguimos a tradução bíblica da CNBB. Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. Tradução oficial da CNBB. 1. ed. Brasília, 2018.

¹⁷ Cf. BAVON, F. *Vangelo di Luca 2*. Brescia: Paideia, 2007, p. 143.

cinco, conservando a mesma ordem.¹⁸ Os sete pedidos que seguem a invocação inicial, conforme a versão de Mateus, são: 1) santificado seja o teu nome; 2) venha o teu Reino; 3) seja feita a tua vontade; 4) o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; 5) perdoa-nos as nossas dívidas; 6) não nos deixes cair em tentação; 7) mas livra-nos do mal.

No Evangelho de Mateus – escrito para os judeus convertidos à fé cristã –, o Pai-Nosso está inserido na parte central do Sermão da Montanha e aparece entre duas obras de piedade: a esmola e o jejum.¹⁹ Se Mateus escreve às pessoas habituadas a rezar e quer corrigir possíveis vícios na hora da oração, em Lucas o Pai-Nosso está situado no contexto de uma catequese sobre a oração ensinada por Jesus durante a viagem de subida a Jerusalém.²⁰ Lucas, que escreve para comunidades onde a maioria das pessoas vinha do paganismo, traz uma versão mais curta para ajudá-las a iniciar no caminho da oração. Em Lucas, depois de mostrar Jesus rezando em certo lugar, os discípulos pedem ao Mestre que os ensinem a rezar como João Batista ensinou a seus seguidores.²¹ Observa-se que o Pai-Nosso em Lucas está situado após a parábola do Bom Samaritano – a caridade – e o diálogo de Jesus com as irmãs Marta e Maria – a escuta da Palavra e o justo equilíbrio de nossas atividades.²²

¹⁸ No Evangelho de Mateus, o número sete aparece várias vezes: duas vezes sete gerações na genealogia de Jesus (Mt 1,17); sete bem-aventuranças (Mt 5,3ss); perdoar setenta vezes sete vezes (Mt 18,22); sete maldições (Mt 23,13ss) e os sete pedidos do Pai-Nosso (Mt 6,9-13). Talvez Mateus tenha acrescentado à versão de Lucas (Lc 11,2-4) outras duas petições: a terceira – “seja feita a tua vontade” (Mt 7,21; 21,31; 26,42) e a sétima – “mas livra-nos do mal” (Mt 13,19.38) para completar o número sete.

¹⁹ Mt 6,1-18.

²⁰ Cf. Lc 9,51-19,27.

²¹ Cf. Lc 11,1.

²² Cf. Mt 6,1-18; Lc 10,29-37; 10,38-42.